

Paulo Plantier



Murcham na haste as ultimas rosas d'esta geração. Commemorando esse triste acontecimento dolorosamente chorado por todas as gentis mariposas—e por nós mesmo, apesar de não sermos nada d'isso—publicamos o retrato de Paulo Plantier, o desvellado cultor d'essas mimosas flores, Paulo Plantier que é tambem uma rosa, desde o perfume da sua affabilidade gentilissima até os espinhos dos seus murros esmagadores.

Por ahí...



A semana foi toda obrigada aos assumptos calor e agua.

Ao passo que o calor nos fazia suar agua em bica, apanhavamos todos um calor com a falta d'agua.

Durante sete dias ninguem bebeu nem se lavou: andavam todos sedentos e sebtos.

As invectivas quasi ameaçadoras da imprensa, a companhia das aguas respondia encolhendo os hombros:

—Canta, que logo bebes...

E a imprensa cantava e não bebia.

O sr. Pinto Coelho, na impossibilidade de nos dar a agua que lhe pediamos e não querendo deixar de nos dar alguma coisa em troca, deu-nos a agradável noticia de que no canal do Alviella se encontrara uma espantosa quantidade de cadaveres de cães, gatos, pombo, ratazanas, e outros varios animslejos, cujos soros deitavam á flor d'agua uma ôlha muito superior á que geralmente se observa na canja de gallinha vendida por esses *restaurants*.



Temos, pois, que a antiga phrase «tomei um *succolento* copo d'agua» se justifica plenamente logo que se trate de agua do Alviella.

E tanto assim, que, segundo nos consta, o sr. conde de Restello vac intentar processo de perdas e damnos contra a Companhia das aguas, por isso que tendo o sr. Pedro Franco obtido privilegio exclusivo para o seu extracto de carne de vacca, que se vende á razão de tres tostões o decilitro, o dr. Pinto Coelho se apresenta agora vendendo extracto de todos os animaes á razão de dois tostões por cada metro cubico!

E affirma-se até que é muito mais substancial o extracto de carne do dr. Pinto Coelho.



Emquanto nos contadores não corria nem pinga d'agua, corriam em compensação rios de sangue por toda a parte.

O assassinato está representando nos nossos usos quotidianos um papel tão obrigatorio como a lavagem da cara — a aferirmos este ultimo ponto pelas estrepitosas reclamações do publico contra a falta d'agua.

Ha coisa de duas semanas que a imprensa noticia diariamente um assassinato, acompanhado da fuga do criminoso.

Algumas folhas mais previdentes adoptaram até o expediente de conservarem na typographia um *cliché* apropriado, que pôde servir para noticiar todos os assassinios, dando apenas o trabalho de se adaptar o nome

do assassino, o do assassinado e o do local onde se effectuou o crime.

O *cliché* é do teor seguinte:

MAIS UM

«Hontem, ás horas da , no sitio de , foi assassinado F..., filho de natural de

O assassino é um tal , o qual ainda não pôde ser capturado, apesar de todas as diligencias da policia.»



As diligencias da policia vem a ser:

1.^o—Expedir circulares, com os signaes caracteristicos do criminoso, a todos os regedores, pedindo a remessa do preso na volta do correio—como succedeu com o Custodio Maria.

2.^o—Recober a declaração verbal do proprio criminoso, quando este resolve ir entregar-se á porta da esquadra, por já andar farto da vida airada de fugitivo—como aconteceu com o assassino de Torres Vedras.

Com semelhante trabalhadeira não tardará que a policia dê em tisica, urgindo tratá-la a leite de burra, juntamente com extracto do dr. Pinto Coelho—os dois productos mais similares que a moderna sciencia tem descoberto...



A companhia das aguas



O dr. Pinto Coelho, com a sua companhia das aguas, fez o Sousa Bastos de fel e vinagre.

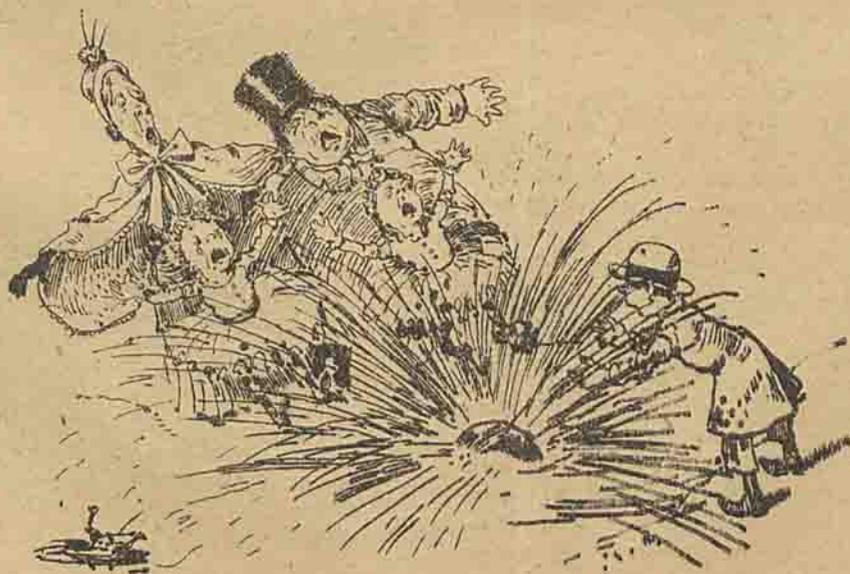
Agora o Sousa Bastos, com a sua *companhia das aguas*, que sobe á scena no theatro da Avenida, vac esganar o Pinto Coelho.

E' bem certa a sentença:

«Quem co'uma abob'ra mata, co'um pepino morre...»

CONTOS MUDOS

LULU



AGUA! AGUA!! AGUA!!!



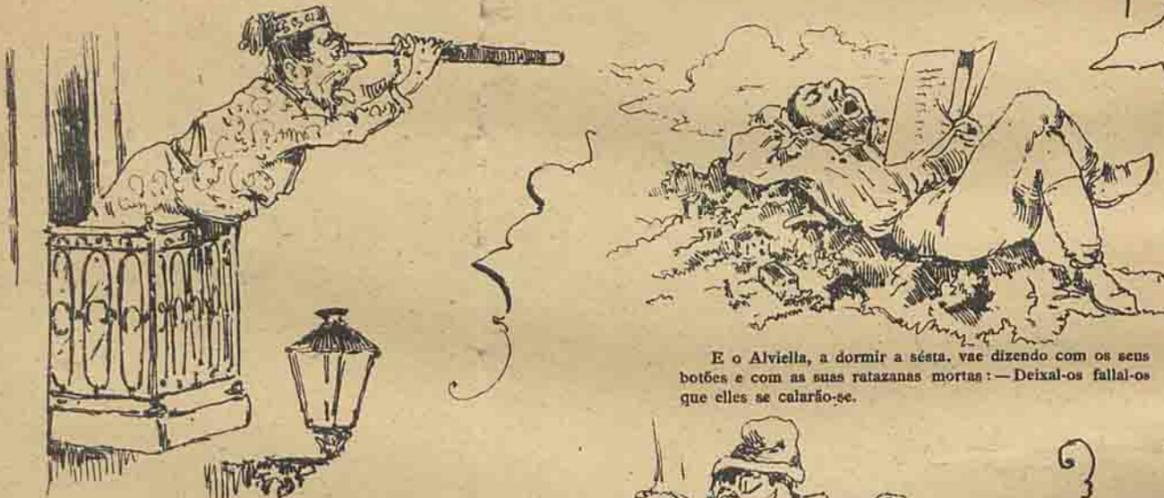
A nova companhia das aguas. Esta, ao menos, dá excellente dividendo.



Verdadeiro retrato do visconde do Rio... Secco.



— A dois tostões cada metro cubico de ratazanas mortas, fóra o aluguer do contador — e é só quando me der na gana



E o Alviella, a dormir a sesta, vai dizendo com os seus botões e com as suas ratazanas mortas: — Deixal-os fallal-os que elles se calarão-se.

O habitante de Lisboa, não encontrando agua no canudo do contador, contenta-se em vêr o Alviella pelo canudo d'um oculo.



Zé Povinho, namorando o gallego, canta, com musica das Trez cidras do amor: —Dá-me agua, senão morro...



— Atraz de mim birá quem bom me fará



EXTRAIRO DO
FLIEGENDER BLATT

Letra gorda

O publico leitor está manifestando recentemente uma grande predilecção pela letra gorda.

Annunciem-lhe uma publicação altamente philosophica, accentuadamente moral, delicadamente artistica, pittorescamente interessante, que elle nem lerá o prospecto, pondo-o de banda no cesto dos papeis inuteis, se o prospecto fôr impresso em caracteres communs.

Exponham porém á venda um folheto qualquer, tratando seja lá do que fôr e seja como fôr, comtanto que, de trez em trez linhas pelo menos, resaltem em negro as arredondadas fórmãs d'um *normando* bem nutrido—**como este, por exemplo**—e verão o que é mais a mim mais a mim de leitores em cata d'esse abençoado folheto.

Em vista pois da accitação que está tendo a capacidade da letra, de preferencia á capacidade das letras, resolvemos publicar um artigo palpitante n'esse genero, o que nos grangeará pelo menos o applauso e a admiração de vinte milhões de leitores e meio. (O meio é o *Camões* da rua do Ouro, que não lê senão com um olho.)

Segue o artigo de sensação:



A' semelhança do **Pirolito**, o parlamento **que**, ha tantos annos, **bate** á porta do contribuinte—o pobre contribuinte **que**, alta noite medonha, **bate** o queixo de frio na solidão do seu catre;—á semelhança do **Pirolito**, o parlamento **que** nada faz, ao cabo de tantas sessões **já** fastidiosas, **bateu** emfim canella deixando ainda de pé este governo nefasto e corrupto!!!

Quem me havia de dizer que o sr. marquez de Vallada, que **gosta** da moralidade como quem vac **de** carrinho; quem me havia de dizer a **mim**, sabendo o que elle **é**, que não pugnaria por **ella** como era o seu dever?

Quem diria que a camara dos deputados, de que o paiz tanto **gosta** que até vac á urna e ao carneiro com batatas por causa **d'ella**, consentiria no poder este governo que é abjecto!!! E' objecto!!!

Pois bem!!! Ainda não sabem quem eu **sou**???

Pois saberão quem sou **eu**!!!



O leitor que quizer ficar ao facto de toda a infame torpeza, de toda a ignobil vilania, de todo o baixissimo desvergonhamento, de toda a pulhissima sugida-

de, de toda a nauseabundissima podridão de que tratamos no artigo antecedente, depois de o ler de cabo a rabo, leia outra vez do principio, mas soletando apenas as palavras que estiverem **escriptas em normando!!!...**

Para a semana continuaremos com este sudario immundo de torpissimas poucas vergonhas!!!!!!...

(Occupar-nos-hemos da Marja Cachucha)



João Sarraceno

Só lhe falta dar...

Ao conde de Franco



Nobre conde de Franco, um ricasso,
Que é no trato fidalgo perfeito,
Anda ahi, das cabanas ao paço,
Dando esmolas a torto e direito!

No paiz, ou qualquer logar onde
Haja ensejo de dar um tostão,
E' mais certo que certo que o conde
Surge logo de bolsa na mão!

Se o Burnay no jardim faz kermesse
A que assiste a familia da Ajuda,
Logo o conde de Franco apparece,
Dando a todos esmola choruda.

Se se innunda uma terra, se ha seca,
Logo a bolsa esmoler desentranha,
Generoso qual outro Fonseca
Quando é dia da sorte de Hespanha.

A qualquer das cantoras chibantes
Que em S. Carlos penetram no aprisco,
Vem o conde trazendo brilhantes
De tamanho de bolas de sisco!

Tudo, enfim, seja pae, filho, avô,
Sancho, Soito, Simão, Sarrea, Soisa,
Já o conde decerto aborrou,
A metter-lhe na mão qualquer coisa!

Dá p'ra aqui, dá p'ra ali, p'ra acolá,
Dá nas ferias, na paschoa, no entrudo,
Dá jantar's, dá torradas e chá,
Dá presentes, dinheiro—dá tudo!

Sempre o ensejo de dar aproveita:
Deu p'ra França, Brasil—o diacho!
Já tem dado p'ra a esquerda e direita,
Já tem dado p'ra cima e p'ra baixo!

Duas coisas lhe faltam — termino —
Entre tantos presentes dispersos:
— Dar... á luz um robusto menino
... E um presente a quem fez estes versos...



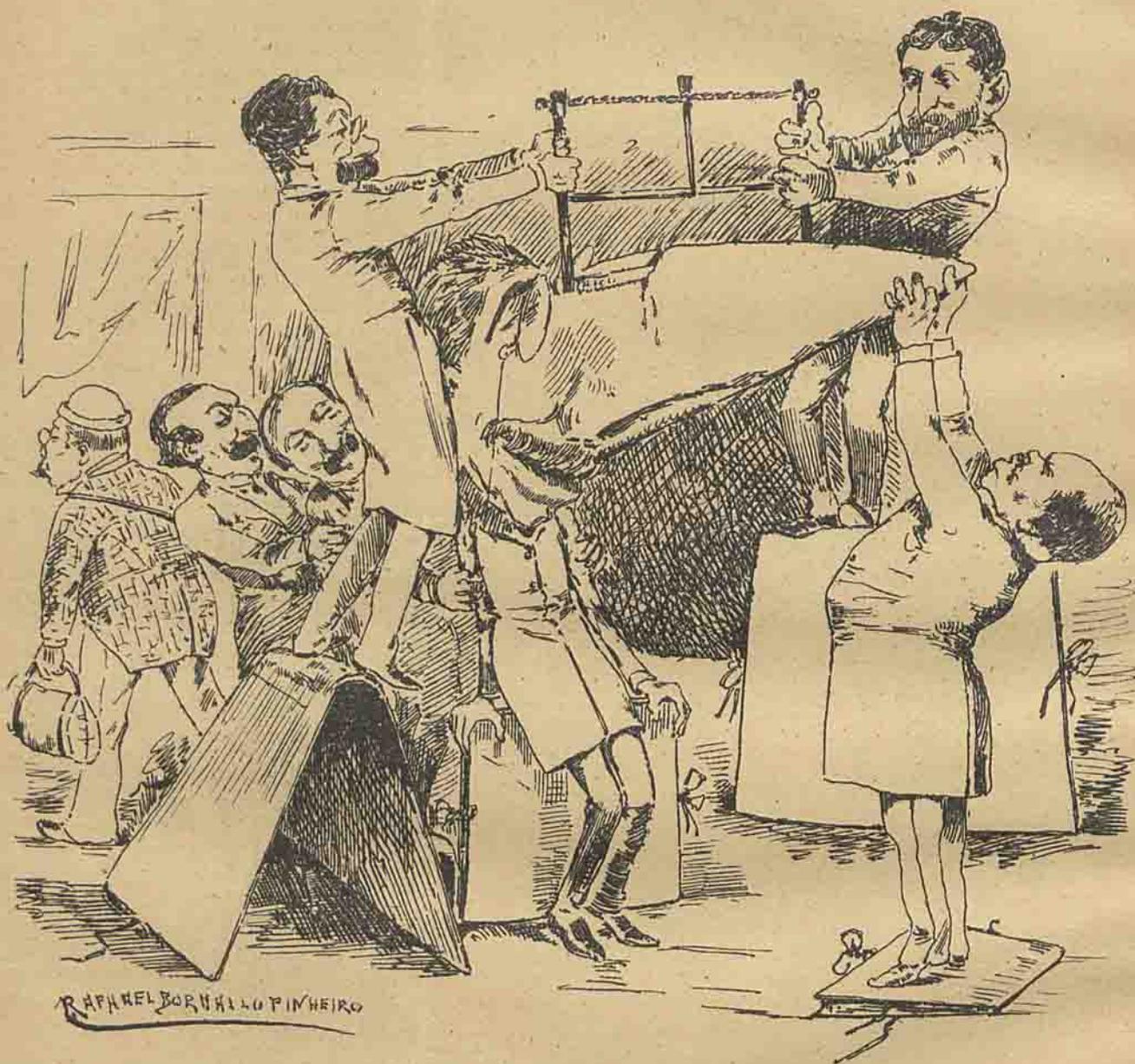
João Sarraceno

O Pae Paulino



E' tão popular o celebre *Pae Paulino* das toiradas, que resolvemos publicar-lhe a vera effigie. Não queremos que o homem seja algum dia estampado de encontro á trincheira sem que lhe reste a consolação de primitivamente haver sido estampado no papel.

O' Beirão! Saes, ou não?



O ministro da justiça ainda não saiu do ministerio por causa do nariz, que esbarra no alto da porta. O caso suscita as mesmas difficuldades da historia da machadinha, em que ou se havia de cortar a cabeça á noiva ou as pernas á mula. Assim, ou hão de cortar o nariz ao Beirão, ou a verga á porta...

Ora este ultimo expediente trazia o gravissimo inconveniente de ficar a porta muito espaçosa, e mal o Beirão sahisse entravam por ella, de cambalhada, as turbas de pretendentes que desejam pasta, do que resultaria ficarem todos *empastados*, cabendo só um bocadinho de pasta a cada um. Portando, opinou-se pelo expediente da cortadella do nariz, mas isso hade levar seu tempo, porque a serra tem os dentes como o serrador dos estrangeiros tem os olhos—tortos—e o nariz é duro como um barrote de pau santo, isto é, como todos os diabos.